



A vara como instrumento de disciplina

The rod as an instrument of discipline

Por Milton Luiz Torres

Mestre em Linguística (UFBA)

Doutorado em Letras Clássicas (Universidade do Texas)

Pós-Doutorado em Estudos Literários (UFMG)

Doutorando em Letras Clássicas (USP)

Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP)

Resumo

Tanto na literatura bíblica quanto na antiga literatura extrabíblica, o uso da vara aparece primeiramente relacionado com a autoridade ou capacidade daquele que a detém. É, acima de tudo, um instrumento de poder. Este artigo investiga as implicações do emprego da vara como instrumento de correção e disciplina, levando em consideração a simbologia, cultura e tradição literárias associadas ao uso desse instrumento de disciplina para a correção e transformação dos que se submetiam a ele.

Palavras-chave

Vara. Disciplina. Educação.

Abstract

Both in biblical literature as in ancient extrabiblical literature, the use of the rod appears primarily related to the capacity or to the authority of the one who holds it. It is, above all, an instrument of power. This article investigates the implications of using the rod as a tool of correction and discipline, taking into account the symbolism, culture and literary tradition associated with the use of that instrument of discipline for correction and transformation of those subjected to it.

Palavras-chave

Rod. Discipline. Education.

As mais antigas descrições literárias de que dispomos nos apresentam a vara como instrumento ideal para a disciplina dos filhos. Até um livro tão prestigioso como a Bíblia recomenda essa prática (Pr 22.15) como forma adequada de educação doméstica. De fato, a vara tem um longo pedigree na história da literatura, onde aparece em diversas capacidades. Quatro são os termos hebraicos mais comumente usados na Bíblia Hebraica em relação à vara: *maqêl*, *shêbhet*, *matteh* e *mish'egbeth*. Não parece haver nenhuma diferença considerável entre eles, uma vez que a Septuaginta, a mais antiga tradução da Bíblia Hebraica, os traduz quase que invariavelmente pela palavra grega *rhabdos*, que, além disso, é o termo mais comum do Novo Testamento para se referir à vara.

Na literatura ocidental, a palavra “vara” aparece pela primeira vez, no séc. VIII a.C., nos

épicos e hinos homéricos (na **Iliada** 12.297 e 24.343; na **Odisseia** 5.47; 10.238, 319, 389; 12.251; 13.429; 16.172; 24.2); e no hino a Hermes (versos 210 e 529). Depois, ela desaparece no séc. VII a.C., só é usada quatro vezes no séc. VI (especialmente por Píndaro e Ésquilo), e reaparece, então, no séc. V, período em que é usada 52 vezes. O assim-chamado **Suidas**, léxico elaborado no século X A.D., pela consulta aos escólios dos principais autores antigos, apresenta dez tipos diferentes de varas: ácaína (*akaina*, vara de boiadeiro), báctron ou bactêrion (*baktron* ou *baktêrion*, cajado de idoso), tirsos (*thyrsos*, vara das bacantes), calábrops (*kalabrops*, vara de pastor), cericine (*kérykiné*, vara de arauto ou caduceu), cetro (*sképtron*, vara de rei), rapis (*rhapis*, vara genérica), citale (*skytalé*, vara na qual eram enrolados os despachos militares), emos (*oimos*, vara arredondada), caios (*chaios*, vara de

pastor). Genericamente, o termo grego para vara (*rhabdos*) indica principalmente autoridade.

Tanto na literatura bíblica quanto na extrabíblica, o uso da vara aparece primeiramente relacionado com a autoridade ou capacidade daquele que detém a vara. É, acima de tudo, um instrumento de poder. No caso da Bíblia Hebraica, a vara indica a autoridade de Moisés (Êx 4.2), do patriarcado (Nm 17.2), de Aarão (Nm 17.18), do rei (Es 4.1; 5.2; 8.4), dos escribas ou legisladores (Jz 5.14), do Messias (Sl 2.9; Mq 7.14; Is 7.14) e de Deus (Sl 45.6). No Novo Testamento, o termo “vara” (*rhabdos*) se refere à autoridade dos salvos (Ap 2.27) e de Cristo (Ap 19.15). Por seu valor como instrumento de autoridade, Miqueias 6.9 recomenda: “ouvi a vara (*matteh*) e quem a ordenou”.

As primeiras referências à vara na Bíblia Hebraica evocam a ideia de instrumento mágico. Em Gn 30.37-41, Jacó usa varas (*maqqêl*) para definir a constituição física das ovelhas de seu rebanho, fazendo com que concebesssem diante delas. Assim, obteve vantagem sobre o sogro Labão, que o tentava defraudar. Em Êx 4, Deus entrega uma vara (*matteh*) a Moisés com a promessa de que, com ela, seria capaz de realizar milagres. Em Êx 7, essa vara (*matteh*) se transforma em serpente e faz com que as águas do Egito virem sangue. Em Êx 8, a vara (*matteh*) de Moisés faz com que apareçam rãs e piolhos no Egito. Em Êx 10.13, a vara (*matteh*) atrai gafanhotos para aquela terra. Em Êx 14.16, a vara (*matteh*) abre o Mar Vermelho para que os hebreus atravessassem a pés secos. Em Êx 17, Moisés manteve sua mão levantada com a vara (*matteh*) para que, por essa razão, os hebreus triunfassem em sua peleja contra os amalequitas. Em Nm 17, a vara (*matteh*) de Aarão floresce miraculosamente para indicar que havia sido escolhido por Deus para o sacerdócio. Em Nm 20, Moisés fere uma rocha duas vezes com sua vara (*matteh*) e ela produz água. Em Nm 22.27, Balaão fere uma jumenta com uma vara (*maqqêl*) e o animal momentaneamente adquire a habilidade de falar. Em Jz 6.21, um anjo usa uma vara (*mish'egbeth*), na presença de Gideão, para fazer com que fogo saísse de uma pedra e consumisse sua oferta. De acordo com 1Sm 17.43, Davi enfrentou o gigante Golias

com uma vara (*maqqêl*) antes de miraculosamente subjugar-lo com pedras.

A associação, na Bíblia Hebraica, entre a vara e os milagres de Deus e de Seus comissionados encontra correspondência na literatura grega que lhe é aproximadamente contemporânea. Na *Ilíada*, vara (*rhabdos*) é sempre uma arma, uso que se percebe também no contexto hebraico (cf. 2Sm 23.21; 1Cr 11.23). No entanto, seu emprego, na **Odisseia**, pertence principalmente ao ambiente fantástico das viagens de Ulisses: a vara mágica com a qual Circe transformou os companheiros de Ulisses em porcos (10.238, 319, 389) e a vara mágica com a qual Atena transforma Ulisses em um velho mendigo para o disfarçar à vista dos pretendentes que lhe assediavam a esposa (13.429; 16.172). Fora essas ocorrências, na **Odisseia**, *rhabdos* aparece uma única vez em relação ao caniço de pesca (12.251) e nunca em referência a uma arma. Os hinos homéricos associam a vara ao Deus Hermes. O hino a Hermes emprega a palavra vara (*rhabdos*) duas vezes: primeiramente em relação à vara de boiadeiro com a qual Hermes conduziu as vacas de Apolo enquanto as furtava (v. 210) e, em segundo lugar, em relação ao caduceu de ouro presenteado por Apolo a Hermes sob o juramento de que este nunca mais lhe furtaria as vacas (v. 529). De fato, a **Odisseia** descreve essa vara (*rhabdos*) maravilhosa como sendo um caduceu ou bastão de ouro, com duas serpentes defrontadas e enroscadas que Hermes costumava empunhar para acordar os vivos cada manhã e guiar as almas dos mortos para o Hades (5.47; 24.2).

A vara aparece também na literatura antiga como instrumento de correção. No contexto da Bíblia Hebraica, especialmente em seus livros sapienciais, parece ter sido um lugar-comum o recurso dos pais à punição física com o uso da vara. Em Pr 13.24, lemos: “o que retém a vara (*shêbhet*) despreza o seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina”. Em Pr 23.13-14, está escrito: “não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara (*shêbhet*), não morrerá. Tu a fustigarás com a vara (*shêbhet*) e livrarás a sua alma do inferno”. Às vezes, atribui-se à vara certa capacidade profilática. Em Pr 22.15, está escrito: “a estultícia está ligada ao coração da criança, mas a

vara (*shébbet*) da disciplina a afastará dela”. Da mesma forma, lemos em Pr 29.15: “a vara (*shébbet*) e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe”.

Apesar das inúmeras referências bíblicas à vara como instrumento eficaz de correção da criança, precisamos contemplar essa prescrição sob um ponto de vista cultural em vez de a entendermos como uma regra que ainda pode ser aplicada, sem danos, em nossa época. Em primeiro lugar, pode-se dizer que a prescrição da Bíblia Hebraica se encaixa na visão de mundo da época em que foi escrita. Embora o fabulista Esopo (séc. VI a.C.) só empregue a palavra vara (*rhabdos*) em uma estória sobre um agricultor e seus dois filhos (fábula 53), que pouco diz respeito à educação desses filhos, ele nos legou inúmeras fábulas que enfatizam a importância da correção aos filhos. Em sua fábula 216, por exemplo, conta-nos a estória de uma mãe que não repreendeu o filho quando este voltou da escola (*didaskaleion*) trazendo um caderno (*deltos*) que não lhe pertencia. O menino cresceu, tornou-se um bandido famoso. Foi capturado e, então, condenado à morte. Quando os carrascos lhe ofereceram a oportunidade de falar suas últimas palavras, pediu-lhes que o deixassem murmurar algo aos ouvidos da mãe. Quando esta se aproximou, arrancou-lhe a orelha com os dentes. Indagado sobre a razão de seu procedimento cruel e inesperado, respondeu aos carrascos que a mãe era a culpada por ter sido condenado à morte já que não o corrigira quando furtara aquele primeiro caderno. Como se percebe, a importância da correção aos filhos foi percebida desde a Antiguidade. A literatura grega não recomenda o uso da vara, mas reconhece que é preciso tomar medidas disciplinares na educação dos filhos. No caso da Bíblia Hebraica, a recomendação para se empregar a força, apela para que os pais levem a sério a educação dos filhos.

A visão bíblica da correção pela vara parece fazer parte de uma visão de mundo que leva em consideração os seguintes aspectos.

1. O emprego da vara tem uma dimensão que valoriza a autoridade e o desejo de transformação. Além de enfatizar a importância da correção aos filhos, a

cosmovisão do mundo antigo parece ter atribuído à vara uma dimensão de autoridade e transformação. Os inúmeros relatos que os antigos nos legaram apontam para a ideia de que a vara simbolizava a autoridade dos pais. Além disso, o contexto miraculoso dos antigos relatos em que a vara desempenha papel fundamental sugere que esta era, de acordo com aquela mentalidade, um instrumento de superação e transformação. Tanto nos poemas homéricos quanto na Bíblia Hebraica, percebe-se que uma função destacada da vara é produzir transformação naqueles que se submetem a ela. Embora haja situações em que a transformação é apresentada de um ponto-de-vista desfavorável, há um predomínio de narrativas em que se enfatiza o valor positivo da vara. Devido ao fato de que lhe é atribuído o poder de provocar mudanças drásticas e instantâneas, não admira que os antigos tenham preferido recorrer a esse instrumento para a correção de seus filhos.

2. O emprego da vara tem uma dimensão que rejeita o excesso. Há indícios de que a vara era um último recurso a ser procurado mais do que um dispositivo de uso constante. Pr 10.13 afirma que “a vara (*shébbet*) é para as costas do insensato”, deixando implícito que nem toda criança devia ser submetida a ela. A Sabedoria de Siraque, livro apócrifo que pertence ao período helenístico e que foi incluído na Septuaginta (uma tradução anterior a Jesus Cristo), declara que a vara (*rhabdos*) é para ser usada com os animais (33.25). Há também evidências de que os excessos eram condenados. Êx 21.20 afirma que, se alguém vier a morrer pelo uso exagerado da vara (*shébbet*), o culpado deve ser punido. Da mesma forma, Ez 7.10 adverte contra a vara perversa ou vara da impiedade (*matteh-resba*).

3. O emprego da vara tem uma dimensão misericordiosa. Na Antiguidade, a vara tinha uma função prática na vida diária. Seu uso não se restringia à punição dos filhos. Em sua função de cajado, ela servia de apoio aos idosos. De fato, o livro apócrifo de Tobias (5.18), escrito no período helenístico e inserido na Septuaginta, compara essa função da vara à

própria razão por que os pais têm filhos: “o filho é a vara (*rhabdos*) de nossas mãos porque ele vai adiante de nós”. A vara era também de uso corrente entre os pastores e boiadeiros para conduzir seus animais ao pasto e às águas refrescantes. Daí, a famosa passagem de Sl 23.4: “ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara (*shébbet*) e o teu cajado (*mish'egbeth*) me consolam”. A tônica do discurso bíblico do recurso à vara não é de violência, mas de cuidado amoroso. Zc 11.10 diz que a vara (*maqqél*) de Deus se chama “graça” e Zc 11.14 diz que ela se chama “união”.

4. O emprego da vara tem uma dimensão metafórica. Com base em passagens da própria Bíblia Hebraica, é possível questionar se, em muitos casos, alguma punição física esteve envolvida no uso da vara. O livro de Isaías é conhecido por suas afinidades com os evangelhos. Trata-se de um livro que acentua a misericórdia de Deus e apresenta o Messias como sendo humilde, pacífico, pacato. Em Is 11.4, declara-se que Deus vai tratar os perversos com “a vara (*shébbet*) de sua boca”. O contexto escatológico da passagem coloca a referência no âmbito da destruição final dos ímpios. No entanto, chama à atenção o fato de que a passagem equivalente na Septuaginta nem sequer apresenta a palavra “vara”, preferindo, em vez disso, a expressão *ho logos tou stomatos autou*, que significa literalmente “o verbo de sua boca”, uma provável referência ao papel de Cristo na destruição final daqueles que se opõem ao povo de Deus. Ora, o termo *logos* significa, além de “verbo”, “palavra”. Sem querer estender demasiadamente essa linha de raciocínio, pode-se dizer que, se os judeus que traduziram a Bíblia Hebraica para o grego antes de Cristo viam uma equivalência entre “vara” e “palavra”, nós também o podemos fazer. Is 30.31 afirma que a vara (*shébbet*) de Deus é sua voz (*qól*).

Quando Isaías profetiza sobre o nascimento de Cristo, ele o compara a uma vara. Os termos hebraicos não dão necessariamente essa ideia, mas a

Septuaginta usa a palavra *rhabdos*: “da vara de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo” (11.1). A paciente atenção às crianças durante seu ministério revela que Jesus tinha uma afeição especial por elas. Jesus até empunhou o chicote para expulsar os cambistas do templo, mas seria impossível imaginá-lo empunhando a vara para ferir os pequeninos. Ele mesmo disse: “melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado ao mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos” (Lc 17.2).

Os princípios educativos que emergem da leitura atenta das passagens bíblicas sobre a vara incluem os seguintes:

1. Devemos levar a sério a correção dos filhos;
2. Devemos corrigi-los com autoridade;
3. Nossa correção deve sempre ter por objetivo uma transformação positiva de seu comportamento;
4. Nenhuma correção deve consistir de excessos;
5. Toda correção deve envolver misericórdia, amor e paciência;
6. A correção deve fazer uso do recurso mais confiável e eficaz do qual dispomos: nossas palavras.
7. A correção deve terminantemente excluir a violência.

Portanto, qualquer educador de nossa época (quer seja cristão ou não) que repetir a indagação do apóstolo São Paulo, em 1Co 4.21, “que preferis? irei a vós outros com vara (*rhabdos*) ou com amor e espírito de mansidão?”, deve obrigatoriamente rejeitar a vara.

[Recebido em: maio 2012 e
aceito em: novembro 2012]